



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 269 • PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Encetamos a corrida a várias ruas do Porto, tendo começado pela de S. João. A rua de S. João tem a mesma cara dos séculos passados, nem se vê ali porta por onde entrem modernismos. Os

Na rua de S. Catarina a comissão é de senhoras. Senhoras de trabalho, que aproveitam uns momentos de folga para colher donativos. Muito se espera delas. Muito se espera das pessoas aonde



Aqui Porto. Morada dos sem morada. Dentro é um antro, alumado por um candeeiro de petróleo. São oito indivíduos. Fosse isto um refúgio provisório e era bem. Mas não. É o sítio aonde a Mãe concebe e gera e dá à luz e pretende educar. Que filhos! Que educação! Que tudo! E nós comemos e dormimos e folgamos e fazemos transações e dão-se filhos em casamento; e no fim!

comerciantes não querem. Resistem. A não ser os carros de bois que deram lugar a camionetas, tudo ali é como era. Se Ramalho Ortigão tornasse a escrever dos costumes desta rua, nada teria a acrescentar, nada a diminuir ao que naquele tempo disse. A rua de S. João é o Porto antigo.

Três senhores, Armazenistas, quiseram acompanhar-me, pelo que muito vi e aprendi na manhã daquele dia. Primeiramente notei o espírito de boa amizade e vizinhança entre todos os Armazenistas. Havia sempre e em todos uma graça, uma palavra, um chiste, boas relações. Depois a óptima disposição com que todos nos recebiam. Nenhum disse que não. Nenhum foi péco. Alguns expressavam a sua dor por não poderem dar tudo quanto desejavam: *se fosse noutra tempo seria preciso uma camioneta para levar as ofertas da R. de S. João*. Na maior parte dos casos, não era só a Firma; os sócios também. Também eles tiravam algo de suas algibeiras com palavras quentes, admiráveis, repassadas de sentido cristão. Foi um momento involvidável. Nunca se fez *negócio* assim naquela rua! Tanto e de tal qualidade; que chamou a atenção e despertou o interesse. Eram chusmas. Andava a notícia de boca em boca. Via-se alegria nos semblantes. Sabia-se que tudo aquilo significava a construção de casas para pobres e a próxima demolição do Barredo.

elas vão ter. Também é uma Senhora no mercado do Bolhão, aonde tem modesta casa de negócio. A ela como a outras, nós fornecemos listas rubricadas e deixamos seguir. Na rua de S. António. Na rua das Flores. Na rua do Bonjardim. Rua Nova da Alfândega. Outras ruas.

No dia 30 de Maio havia de ter ido a Mirandela, aonde se entregaram casas. No mesmo dia, devia ter sido em Valadares. Os párcos chamam por mim. Quão grato lhes não fico! Tem graça que nós demos a Obra às paróquias e ora querem as paróquias que eu esteja. Isto é a prova de que recebe muito mais quem dá! Não me tendo sido possível ir aqueles sítios fui, sim, fazer a homília da missa das onze à igreja de Amarante. Se ele há vila em Portugal aonde esta obra fosse a urgência, Amarante era; e se ele há terra em Portugal aonde se trabalhe com tanto amor, Amarante é. Faço minha aquela urgência, faço meu aquele amor e peço aos Amarantinos de toda a parte que ajudem os construtores das casas. Seis entregues. Duas a subir. Há terrenos e necessidade para muitas mais.

Os efeitos são públicos; estão à vista. Uma família cuja mãe não conseguia salvar os filhos pelas condições em que vivia, teve ali uma criança robusta. O médico é testemunha do passado e do presente. No aglomerado de

(Continua na segunda página)

PROPOSTA

«Considerando que a Obra Social — Património dos Pobres — é uma Obra Social Nacional do mais alto alcance, que se destina principalmente a dar casa às muitas milhares de pessoas espalhadas por todo o País, muitas delas enfermas, com numerosas crianças vivendo em tugúrios horríveis, sem ar e onde não entra fimbria de luz;

Considerando que para esta Obra Social e Cristã, estão concorrendo ricos e pobres, devendo salientar-se as inúmeras subscrições que para o referido fim tem sido e estão sendo promovidas por empregados, operários e alunos das nossas escolas, na sua maioria pobres; tenho a honra de propor:

1.º — Que do saldo proposto para c/ nova se retirem 1.200 contos para serem postos à disposição do Rev.º Padre Américo, destinados à construção de 100 casas para pobres».

Este notável documento chegou às nossas mãos com uma carta amiga do punho de quem o fez. Deve ser um leitor fervoroso do nosso quinzenal pela fidelidade da sua exposição; tanto que me não admiro nada que ele tenha visto e apalpado as coisas e factos que descreve. A presença de um tal documento na Assembleia Geral de um Banco, é facto único na história social; tão estranho, que os presentes experimentaram dificuldade em aceitá-lo. Não

admira. Assim tinha de ser. Não era da agenda. Não estão preparados.

Contudo a proposta esteve ao alcance e vistas de todos. O que ela diz é. O seu julgamento não altera os factos. A miséria cresce e invade. Ora seria muito mais acertado procurar remédio do que fingir ignorância.

Quem jamais se atreveu a levantar a voz numa Assembleia destas e pedir aos sócios mil e duzentos contos para ajudar os pobres? Aonde e quando se ouviu falar deles numa assembleia de ricos? Que pena ser tão tarde! Havia de ter sido no começo deste século. O Comércio. A Indústria. A Navegação. O Capitalista. Aonde o Dividendo, aí dividir. Isto devia ter começado há 54 anos, sim. Escribir o quinhão do Pobre na primeira lauda dos livros. Não por força de qualquer lei, mas sim por um simples e racional postulado de consciência. O Pobre contenta-se com bem pouco. Não deseja. Não inveja. Não quer uma transferência de riquezas, mas sim uma justa e adequada distribuição delas. Ter os precisos para o caldo de cada dia, feito em sua casa, no lume da sua lareira, com o produto do seu trabalho. Pouco a pouco; dia a dia, o Pobre ia-se bastando e não viria a cair na Miséria. Teria sido um tempo de preparação lenta e segura para a vitória. Assim não; somos hoje uns derrotados. A Miséria vence!

UMA CARTA

É de uma humilde operária do Porto, que manda um pequenino valor e diz coisas mui altas:

«Através do jornal confesso sinceramente que me tem feito chorar muitas lágrimas o que eu admiro é que haja tanta miséria pelo mundo fora depois de haver tanta riqueza dentro do nosso país e tantos homens de poder e saber, e nunca nenhum expor o peito à batalha para defender o seu próximo de tanta desgraça. Eis a razão porque a luta é ainda maior; porque as almas cegas propositadamente custam muito mais mostrar-lhes a luz esclarecedora. Por isso lutai sempre em benefício dos nossos irmãos infelizes e abandonados que Deus ajudar-vos-á na vossa luta para vós poderdes enfrentar certas dificuldades que por vezes se vos deparam, para que a obra passe sempre à frente de todos obstáculos, que Deus vos ilumine e vos proteja até aos

vossos últimos momentos de vida. A importância que vos deixo para os vos-os protegidos é pequena mas da melhor vontade.

De uma humilde operária.»

Eis aqui a oração perfeita de uma operária que sente e chora por não haver quem exponha o peito à batalha. O mutual, o solidário, o altruista. Camarada, cidadão, colega, partidário. Tudo isto são figuras e palavras. Esta operária não. Não senhor.

Ela chama aqui por Deus. É n'Ele e por Ele que ela vê o problema. Põe a Miséria de um lado, do outro a riqueza improdutiva e chora por não haver quem defenda o próximo de tanta desgraça. Seja quem, qual, como, aonde, isso não importa. Ela não especifica. Deus também não escolhe. O Próximo. Eis. E quer, a operária, que os meus últimos momentos sejam de Deus. Amen.



Aqui, LISBOA!

POUSADAS

O prometido é devido. Os *homens de calção* do Liceu Camões cumpriram. Uma delegação de vinte deles (Reitor, Professor de Moral e outros Professores à frente) vieram entregar. O mais pequenino que nos confiou o envelope, recebeu um abraço com o encargo de o retransmitir a cada um dos seus colaboradores. Agora espera-se pelos *homens de calças* do mesmo Liceu. E que andarão a fazer aquelas alunas doutros Liceus que foram as primeiras a falar? Os alunos do Liceu de Braga, de Coimbra e de Beja, antes de terminar o ano lectivo vão ver as suas casas prontas e habitadas.

Em Lisboa há mais Liceus. Eu creio que o fogo que estes caloiritos atearam, há-de ser para todos eles um rastilho inextinguível.

Nem eles sabem o que fizeram!

A par de tão formoso donativo, emparceira muito bem este outro, de data recente: «Depositei hoje, quinta-feira da Ascensão, 12.000\$ no Montepio, em nome de Um Vicentino e Esposa. A nossa primeira ideia era que esta importância se destinasse ao Património dos Pobres. Porém, em face da sugestão duma obra para incuráveis, ficamos hesitantes sem saber para onde o oferecer, visto tanto uma como outra serem de premente necessidade». Foi na quinta-feira da Espiga. Este vicentino juntou um grande feixe que deposita no celeiro do Alto. Ele fala com conhecimento de causa. Basta que seja, como o prova, um bom vicentino. Como nós, deve estar farto de sofrer com a situação desesperada dos incuráveis, que se lhe deparam. Um deles despedido dos hospitais como tal recolheu à sua barra-

quina na Curraleira. Não ganha, nem tem quem lho ganhe. Vive só. Os pobres visinhos vão repartindo com ele. Não tem que comer, muito menos com que pagar o aluguer dum quarto. Piorou. As Irmãs de Jesus chamaram o Pároco que lhe administrou os Sacramentos. Os agentes não lhe deixaram fechar os olhos: deitaram a barraca abaixo e o pobre incurável ficou na rua. Por sinal nessa noite choveu. Nem a pobreza, nem a doença, nem a morte, nem os Sacramentos foram respeitadas. Profanação total! O sacerdote é holandês, a Irmã é de Paris. São estrangeiros os que choram os nossos irmãos da Curraleira. Ainda faltará muito para abrir a Assembleia Nacional? Nós andamos por aqui a lançar os olhos para quintas e bons terrenos à venda, mas pedem centenas de contos e até agora só temos estes doze.

Como a prosa de hoje é a dos donativos, paramos com os gemidos e vamos continuar a ler as páginas da nossa agenda:

100\$ em S. Sebastião da Pedreira; 40\$ em Fátima; 20\$ duma desconhecida; 50\$ por alma de Manuel e Maria; 70\$ em Penha de França; 170\$ noutra igreja, tudo depois da missa, à porta das igrejas. Eis uma colaboração activa no Sacrifício O Senhor não quer que se separe o d'Ele do dos Pobres. Para que havemos nós de separar o que Deus uniu? Vai lá tanta gente por vaidade... que escandaliza, que profana. Estes não! Um casal de S. Jorge de Arroios, que Deus uniu, também não quer separação e agora são os dois a dar o que só ele costumava enviar. «A quantia que costumava mandar todos os meses, junto a nota do depósito de 2.000\$ para o Património dos Pobres. Bem gostaria de dar mais, mas o ordenado não é grande e na família também há alguns que precisam. Ah! se eu pudesse!...» Estas reticências pelo grande coração que nelas se escondem, valem mais do que o depósito.

Oito camisas, pelo eterno descanço de A. A. G.; 100\$ do primeiro abono de família do primeiro filho; 63\$30 dum dia de trabalho dum operário; 50\$ das duas primeiras missas dum neo-sacerdote; 40\$ dum estudante, quantia que costumava gastar em dois domingos em coisas fúteis, pedindo a Deus que se proporcionem mais ocasiões destas; mil duma promessa, pelas melhoras duma irmã; 20\$ duma que quer servir a Deus nos pobres; 50\$ para a pobre viúva, das Comendadeiras, que tem um filho tuberculoso. «Estava dando de mamar a meu filho quando li no nosso jornal este caso e sabe Deus quanto me impressionou. Nós mães com filhos saudáveis e com meios embora não muito folgados para tratarmos deles convenientemente, nem sabemos as graças que temos de dar a Deus. Que Ele tenha piedade de tantas mães que infelizmente se encontram nas mesmas circunstâncias dessa pobre viúva. Uma Mãe».

Todas estas dádivas trazem o sinal da cruz. Partiram de Deus que as inspirou e a Ele voltam como último fim, depois de amenizarem o caminho da terra por

Não conheço mais alta realização do Secretariado Nacional de Informação, do que estas Pousadas a saber ao antigo, sendo que foram feitas ontem. Não conheço nada mais alto. Elas são todas uma escolha. O risco. Os materiais. A mobília e sua disposição. Nada exuberante e tudo tão lindo, tão de casal! Tão nosso! Sobretudo o pormenor. As coisas pequeninas são o mais soberbo que se encontra nas Pousadas. O próprio edifício em si é pequenino. É propositalmente limitado, por via da sua finalidade.

Os locais são outra escolha. Se um cego de nascença ali viesse abrir os olhos pela primeira vez na sua vida, arriscava-se a morrer fulminado! O serviço de cozinha é outra escolha. Qualquer estrangeiro, por melhor afeito, seria um impertinente, se não encontrasse o seu paladar na mesa das Pousadas. O pessoal também é uma escolha. De uma vez, ao entrar com um grupo, a criada pergunta se alguém traz dieta! Quem nos faz uma tal pergunta, a não ser em nossas casas? De outra vez e noutra Pousada, entramos pela cozinha. Os cozinheiros, as criadas de mesa e de quartos. Outras criadas. É tudo o mesmo sorrir à espera que a gente peça e a perguntar se queremos mais. Nunca vi nada mais alto!

Aqui há tempos, algures, era um grupo, aonde se depreciavam coisas e pessoas. Vassoiras novas! Eu estava ao pé. Não fui chamado mas apresentei-me e disse alto lá. *E as Pousadas? Ninguém varreu mais.* Como não defendê-las, se eu tenho passado dentro delas horas repousantes! E como eu, quantos portugueses! Já tem acontecido ver-me na necessidade de fugir daqui por um dia ou dois. Isto é muito difícil e mais quem lê o jornal, cuida que tudo é brincar! Pois eu às vezes vou e refugio-me numa Pousada. Qualquer Pousada. Elas são um remédio. O conforto é uma necessidade natural. Até quando oramos precisamos dele. Ora quando eu daqui fujo e quando ali me instalo, a minha intenção é de quem reza. Não conheço nada mais alto!

A concorrência das Pousadas é do que em Portugal melhor temos. Digo isto porque raras vezes tenho que satisfazer a conta, aparecendo sempre alguém que tome o meu lugar. Em regra não dizem nada e eu também nada digo. Parece uns desconhecidos e nunca tão juntinhos! Ora é preciso

onde passaram. São como as núvens que nasceram do mar e a ele tornam, depois de refrescarem pelos montes e vales as plantas e cearas que morriam de sede.

70\$ num vale; 500\$ na Ultramarina; uma carrada de louça de Sacavém; muitos visitantes; do Bombarral 100\$ e 20\$; de um casal 100\$ e roupas para a ceguinha das Comendadeiras; 182\$50 da Nestlé; 20\$ e roupas e remédios para os pobres; 50\$ em carta; mais roupas e revistas e 50\$ da Maria, cuja esperança traz sempre entre as mãos erguidas; dois sacos de papel de Abrantes; 20\$ para essa bela Obra; 500\$ de Luanda; 200\$ duma menina da primeira comunhão; açúcar, roupas, fruta e mercearia no Lar de Lisboa.

Padre Adriano

ser-se uma alma limpa e transparente. Estes são geralmente os que procuram e amam as Pousadas.

Mais. Elas fizeram escola. Foram uma criação aprovada pelos nossos sentidos. Hoje já se vêem na mão de particulares outras pousadas, que pretendem imitar o original. Ressuscitaram as estalagens. A cozinha portuguesa. As louças regionais. Os trajes. A fala. Nunca vi nada mais alto! Por amor à verdade não me calei daquela vez. Por gratidão nunca me hei-de calar, sempre que seja preciso levantar a mão. Por amor das horas deliciosas que ali tenho passado, quero dizer bem de todos quantos realizaram as Pousadas.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da 1.ª página

4 moradias com outras tantas famílias numerosas, os pobres construíram um forno comum e ali cozem à vez! Eu vi. Entendimento. Bem dados. É no pão que os extremos se tocam. O povo da vila faz das casas menina de seus olhos. Empregam os filhos dos ocupantes. Interessam-se. O dono de uns casebres aonde antes eles eram, vedou o terreno para que outros se não venham a tentar. Tudo bem feito. Não é um negócio. Não é um arranjo. São homens que podem, a tratar seriamente de homens que não podem.

Um dos felizes habitantes, casado e pai de filhos, era muito conhecido nos tribunais... Houve quem estranhasse ter-se-lhe dado uma casa. Correu voz. Parece ter caído mal. Mas a Comissão reagiu. Entendeu que se devia oferecer ao condenado uma oportunidade. Resultado? Nunca mais! O homem estava na missa das onze e foi visto deitar uma moeda na bandeja, ajudando assim a dar a outros o bem que hoje disfruta!

Isto é Amarante de hoje. Por mais pergaminhos que a vila mostre à gente, por mais anos de história, mais belezas cantadas, homens de armas e de letras—tudo é nada. Fica somente aquela força misteriosa que transforma um castrado em homem honesto!

Afinal de contas, não era nada do que se dizia daquele homem! Até os julgamentos foram errados! Os próprios juizes estão sujeitos. Não era nada do que se dizia. Era uma casa...! Uma casa pequenina virada ao sol e janelas para ele entrar. Na antiguidade, quando os deuses eram muitos, havia um para o Lar. Sítio aonde o homem se encontra, se respeita, valoriza, cumpre. Quanto mais casas desta natureza, menos afluência ao banco dos réus. Quem se quiser dar ao trabalho de estudar o problema da criminalidade e modos de a reduzir, comece por aqui: mãe que ora vinga os filhos; forno em comum, aonde todos dizem sim; homens que voltam costas às cadeias. Comece por aqui, sim.

OUTRA CARTA

Um bocadinho dela; somente aquilo que se pode e convém transcrever:

«Sou uma pobre rapariga pedindo grande caridade de uma missa por mim e pelas torturadas.

Há muitas prisões, mas nenhuma se compara à do espírito e da vontade.

Peço aos leitores do Gaiato, uma prece a Deus, não só por mim, mas pelas pobres perdidas! De ninguém temos uma palavra de alento; ninguém aprofunda o nosso sofrer. Somos pobres leprosas, abandonadas. Mas temos coração. Um coração que ama, sem conhecer o Amor.

Se alguém que ler estas minhas palavras sofrer igual desdita, peço-lhe que se una em lágrimas, à minha dor.»

Não há púlpitos. Não há ouvintes. Nada. Ninguém chega às almas como este quizenal! Eu cá não digo nada. Que é da palavra! Assim como a Torturada, também eu peço aos leitores do Gaiato uma prece, não só por ela, mas pelas pobres perdidas.

A todas e a todos, repito a palavra forte e vivificante: *Eu sou a ressurreição e a vida.* Nunca tão perto como quando parece ausente; Deus é assim por natureza. Ele é o Ser das grandes horas!

SE DESEJA MANDAR CONFECIONAR
TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

Isto é a Casa do Gaiato

*** *Manel do Embrulho* anda muito interessado no meu chá de cidreira e não me deixa ir para a cama sem o tomar. Mesmo que eu saia e regresso tarde, ele está no seu posto; tabuleiro, bule, chícara e açucareiro. Ontem era quase meia-noite! Eu disse-lhe que não. Bastava deixar na cozinha que eu procuraria. O escudeirito, serve-me, retira-se sem comentar e desaparece na escuridão, a caminho da casa dois, andar fundeiro, aonde tem o seu leito; e eu fui-me recolher, admirado de tanta generosidade. Hoje, porém, veio tudo a lume. O rapaz tem o seu interesse escondido. O seu interessinho. Certos afirmam que todo o homem age por interesse, e aqui, como em toda a filosofia, há lampejos de verdade. *Manel do Embrulho* o diz. Como? Foi por sinais. Ele veio ao pé de mim, coloca sobre a cabeça uma das mãos e corre os dedos pelo cabelo, de mansinho. Sob e torna a descer pelas fontes. Ora ele sabia e eu também, que o dia de rapar estava à porta... *Deixe crescer!* Sem me levantar de onde estava, fui buscar todo o carinho e atenções do fiel criadito e liguei ao *deixe crescer*. Ondas. Caracois. Cabeleira. Deus dá ao homem enfeites e o gosto de se enfeitar, mas eu disse que não. Não. Não pode ser. Com que má-gua, mas eles são tantos e todos com os mesmos gostos, que se fossemos a atender, cinco cadeiras não eram demais; e *Manel* anda rapado.

*** Houve hoje aqui um barulho de se lhe tirar o chapéu. Foi o *Pataco* mai-lo *Formiga*. Aquele é dos porcos; este é das galinhas. *Formiga* vai à lavagem e tira-lhe a nata. *Pataco* quer a nata. Estavam no auge quando eu apareço: *os farelos são poucos, que hei-de dar eu os porcos? A senhora não me dá milho que hei-de eu botar às galinhas?* Eis os dois com duas proposições ambos cheios de razão. Não há juiz. Não há sentença porque não há culpa. Há o adorável interesse de duas adoráveis Crianças, que levam ao ciúme o amor da sua obrigação. Os pequeninos *Repudiados!*

*** Este estado de coisas está para durar umas semanas. São os gatos. Os gatinhos. Os amores do *Manel*. À hora do meu comer ele já os tem no refeitório e antes de me servir, dá-lhes leite! É um prato de alumínio cheinho. Coloca os bichanos à roda, chama por mim—*Ó!* E só depois é que vai à cozinha pelo meu caldo! Isto está para durar, sim. Enquanto os gatos forem gatinhos, tenho de me conformar e ser o do fim. Até o cigarrito que o *Manel* costumava ir pedir ao *Avelino* todos os dias prá digestão; até esse está prejudicado! Ele esquece-se de enamorado!

Os três gatos são feios. São mal feitos e mal parecidos. Sem graça nem raça, mostram ser de pais vadios. E eu sou trocado por eles! Quando me chega o caldo, já eles têm bebido o leite!

Quê? Que é isto? Nada. É um rapaz posto em sua casa a talhar do que é seu, segundo a sua maneira. Amanhã será diferente. Hoje é isto. *Olhe eles a comer!* E eu olho enquanto espero!



O entusiasmo activo apossou-se dos habitantes de Coimbra na campanha da construção de casas para Pobres. Reina a labareda por toda a parte.

O Liceu Masculino vai à frente e irá entregar a sua primeira em Julho próximo. Os empregados dos Serviços Municipalizados já deram a primeira prestação; os do C. T. T. andam a organizar; os armazénistas espalharam circulares; e agora um grupo de senhoras saiu para a rua e para a Imprensa a pregar uma casa e a entregar na estadia em Coimbra da imagem de Nossa Senhora de Fátima em peregrinação pela diocese. Vamos ouvir directamente o apelo feito e publicado.

«Casa da diocese — Património dos Pobres — Construída em honra de Nossa Senhora de Fátima, a Peregrina, na Sua vinda a Coimbra em Dezembro de 1954.

Para esta realização ter pleno êxito, precisamos da colaboração de todas as freguesias da diocese, onde uma pessoa respeitável queira ter o encargo meritório de orientar a campanha e que por favor nos envie as ofertas dos presentes dos ricos, lembranças da classe média e as migalhas dos Pobres.»

Se quando um dos mortais visita uma terra oficialmente, essa visita é marcada com tantos me-

lhoramentos, vamos tentar a construção de mais casas. É a Mãe do céu que passa.

O pensamento deste grupo de senhoras é o de muitas e não o duma casa. *Dissemos uma para não alarmar.* E apareceram logo nessa hora muitos a marcar presença. Só o terreno ainda não apareceu. Mas estou certo que tudo aparece. E não vamos construir uma, mas cem.

Esta mesma doutrina de abrigar os desabrigados foi a que ando agora nos peditórios das igrejas de Coimbra. Todos escutaram e estou convencido que uma boa parte compreendeu.

De S. Bartolomeu trouxemos mil e oitocentos; de Santa Cruz cinco mil e quinhentos. Na Sé Velha juntamos mil e na Sé Nova para cima de três mil; nas Carmelitas os rapazes contaram quase mil e trezentos e no Seminário mais de quinhentos. Mas o que mais nos interessa não é aquilo que trazemos, mas sim o que deixamos. É a semente que lançamos à terra e à qual Deus dará o incremento e depois colherá.

Ora Deus permita que a sementeira que andamos a fazer dê cem por um para a vida eterna.

Padre Horácio

Carta aberta ao amigo Horácio da RUA DA ALFÂNDEGA, RIO.

Sô Horácio; deixe que assim o trate porque assim é aí tratado. Os nossos amigos brasileiros querem a toda a força uma língua sua. Língua própria. Língua deles sim. Mas quê? As raízes são do Terreiro do Paçol!

Esta é para lhe dizer que o nosso amigo presidente do «Sarrabulho» esteve ontem em Miragaia. Fomos ali de propósito para ver a casa daquela colectividade. Conta de cozinha, dispensa, sala e dois quartos. Luz eléctrica. Casa de banho. Três metros em redor para flores. Um apetite! Ele lhe dirá.

A casa do «Sarrabulho» já há muito que podia e devia estar construída e habitada, pois que foi uma das primeiras que se recebeu; bem podia, sim. Mas antes quis esperar e hoje temo-la no coração do Porto, que é a terra natal do meu amigo. Que melhor quer?

Ela deve ser entregue no próximo Outono. O Outono em Portugal é a estação da formosura por causa das tintas. Tintas das folhas. Folhas do arvoredado. Ora isto vem para lhe pedir que na próxima reunião do «Sarrabulho» fale no caso e ponha a nota interessante da mobília. Coisa modesta. Três contos dão. E se quiser ir um nadinha mais longe, proponha que fique por encargo do mesmo Grupo a sustentação da família ocupante. Não tenham medo. Esta gente não come carne de primeira. São tripeiros à força. Uma pequenina lembrança pelo Natal. Uma pequenina lembrança pela Páscoa.

Se quiser ir ainda mais além e visto como o meu amigo, aí no Rio, vai a toda a parte; se quiser, dizia, aproveite uma reunião de sócios da «Casa do Porto» e coloque sobre a mesa estas humildes regras. Leia-lhes a carta. Fale do Barredo; da vossa casinha no bairro de Miragaia; da vida nova dos que ali habitam; das suas mãos erguidas; da benção que eles são; de tudo. E a seguir, o meu amigo Horácio levanta-se de indicador sobre os lábios e vá de roda, silenciosamente... Resultado? Meia dúzia de casas da «Casa do Porto»!

Sendo que todos gostam de saber para o que dão, o meu amigo explique-lhes. O bloco de Miragaia é composto de: Uma casa tipo grande, 3 quartos sala cozinha — 8 ditas tipo médio, 2 quartos, sala e cozinha. — 19 ditas tipo pequeno quarto sala e cozinha.

Estas moradias são pertença da paróquia de Miragaia, segundo o espírito e letra dos estatutos que regulam a obra do Património dos Pobres e daí as casas deviam ser distribuídas por Pobres ali residentes. Deviam sim senhor. Mas o Barredo fica situado na Sé e S. Nicolau. Por isso mesmo solicitei uma reunião dos párocos e vicentinos. Deram-me a palavra e anuíram: a freguesia de Miragaia fica com 14 residências, a freguesia de S. Nicolau com 9, a freguesia da Sé com 4 e este seu criado pediu uma para um seu caso e deram-lha. Aqui temos as 28 residências. Eu pretendo que o meu amigo vá inteirado de todo este *negócio*, antes de provocar uma reunião da Assembleia da «Casa do Porto».

AGORA

Queiram afastar-se muito afastadinhos e deixem passar os trabalhadores da Shell Portuguesa:

«Os empregados da «Shell Portuguesa» que trabalham nas dependências do Porto, Leixões, Régua, Nelas, Figueira da Foz e Coimbra querem contribuir com uma casa para o «Património dos Pobres», e, dentro deste espírito, já foram amealhados alguns tostões.

Assim, junto encontrarão V. um vale postal de Esc. 4.014\$00 para começo da dita casa, e dentro de algum tempo serão enviados mais tostões para continuação das obras.»

Os tostões! Os gloriosos tostões dos empregados que trabalham. Depois do livro *Viagens* a entrar no prelo, tencionam-se fazer a história do Património dos Pobres com o material aqui reproduzido. Há-de ser o livro da posteridade. Os pais hão-de indicar aos filhos as páginas, as gravuras, os feitos e explicar: *assim como as catequistas, também estas casas foram erguidas com tostões.* Os senhores afastem-se. Vai passar outro grupo; são os Ferroviários de Vila Real com a prestação do mês de Abril- 207\$00. Mais tostões! A Maria Nazaré leva uma telha. Um tripeiro vai ao pé com 100\$00. Outra vez Mãe e filho aqui muito juntinhos com 150\$00 do trabalho dos dois. Dez sócios de Proença-a-Nova meteram ombros e querem fazer uma casa; aqui vão eles com a 1.ª prestação de 600\$00. Recordam-se do Senhor que deu uma casa em doze partes, muitas vezes aqui falado? Pois agora, o mesmo senhor, em lugar de mil, envia quinhentos escudos para o pão de um Pobre. A maiúscula é dele. A letra é precisamente a mesma. Feliz! O senhor C. F. C. S. do Porto dá 100\$00. Ao pé vai um poeta: *para telhas de um telhado que abrigue um desabrigado.* Um voto de uma *vimaranense*, 100\$00. Eu cá antes queria que este voto fosse cumprido em Guimarães, mas há-de ser difícil. Porquê? Porque afirma-se que Guimarães é a cidade mais rica de Portugal. Eis.

Alguns, em vez de tomar o caminho da Procissão, ficam à porta do Banco Espírito Santo; assim fez alguém do Porto com dois contos e um dito de Cucujães com metade. Hoje, nos Bancos, encontram-se epígrafes estranhas e mais estranho ainda é o ir aparecendo o homem que se dirige aos Caixas, pede o talão, escreve *Património dos Pobres* e deposita! Ao lado vai o que deixa de fumar para ir na procissão, 20\$00. De Lisboa. E. F. vem muitas vezes com 500\$00 e hoje também.

Mais espaço. São rapazes. Muitos. Muitos deles. É o terceiro ano do Liceu Camões com uma casa na mão—18 deles. O *Património dos Pobres* é uma descoberta. Estamos hoje em tempos de descobertas, com seus actos heróicos, epopeias e o mais de mil e quinhentos. Camões vem a propósito!

A fechar, vai um grupo de circunstância: são os Armazénistas da Rua de S. João. Todos os

(Continua na 4.ª página)

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.

Do que nós necessitamos

Mais da população de Saurimo, Angola, um vale de 536\$00, ofertas de 28 dos seus habitantes. Daqui se infere quão sacrificadas e quão meritórias! Mais 20\$00 de Anadia. Mais 50\$00 do Porto. Mais o dobro, Foz. Mais 15\$00 em selos do Colégio Militar. Mais 50\$00 do Casal R. D. Mais 500\$00 Lourenço Marques, da *Mulher do Assinante 28.784*. Vejam os senhores quantas pessoas no caminho! Quantas à nossa espera! Mais a *Maria Pecadora* do Alentejo com 20\$00. Mais 100\$00 angolares de Nova Lisboa. Mais duas remessas dos *Serviços Médico Sociais de Lisboa*. É o Antão quem promove e envia. Deus o ajude. Mais 400\$00 do Mário Pinho da Beira. Mais 50\$00 de Bombarral. Mais 400\$00 do Chinde. Mais 250\$00 no Banco Espírito Santo, Porto. Mais 27\$80 S. Pedro da Cova. Mais 50\$00 Porta da Lage. Mais mil, Rio. Mais 100\$00. Mais 400\$00 Viseu. Mais 50\$00, *Ninguém*. Mais 750\$00 Congo Belga de *eu e mais três*. Mais 100\$00 mesma terra. Muitas encomendas postais. Muitas ditas, de tudo, deixadas no Lar do Porto. Idem, idem, no Espelho da Moda. Se muito tem vindo, muito mais está para vir. Mais mil no dia do meu casamento com um rapaz que adoro. Que lindo cartão! Dois jovens quaisquer mandaram qualquer coisa. Quelimane à vista com 50\$00. Manjaze à vista com roupas. Mais 200\$00 de Tavira. Mais mil de S. Paulo. Mais 100\$00 do Porto. Mais 120\$00 do Augusto de Lisboa. Mais 40\$00 de Gandra. Mais 100\$00 Viseu. Mais 250\$00. Mais 50\$00 Lisboa. Mais 100\$00 uma *Anónima* que vem por cá muitas vezes. Tete à vista com 100\$00. Rio também com mil. Mais um *tripeiro* a falar do Porto. Outra vez os *Serviços Médico Sociais de Lisboa* com um vale de 122\$60. Mais 500\$00 de *um estudante que acabou o seu curso*. Congo Belga à vista; é o Mário de Léo com 100\$00.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Estive em Miragaia, pelo braço do Pai Américo. Era um dia de sol brilhante e quente. Um mundo de operários erguem paredes, assentam caixilhos, picam pedra. Tudo em movimento.

Em baixo, o rio surpreende-nos com suas águas prateadas, a dar um tom de beleza ao conjunto. Vê-se a Alfandega; as trazeiras da Companhia Velha; barcos a navegar; guindastes; gaiotas. O velho Porto, berço de Portugal.

Aonde as casas se erguem é um oásis. Em redor, outra Miragaia — ilhas, becos, sótãos, antros,

(AGORA-continuado da terceira página)

Armazenistas. Andam actualmente comissões amigas por várias ruas, sim. Não se espera, porém, um tão alto resultado; 80 deles!

Vai aqui um com 100\$00 e pede a referência *«Carta à máquina»*. Sim senhor. Tudo como deseja. Também aqui vão os Funcionários E. C. C. 5 dos C. T. T. Porto com 91\$50. Quem souber traduzir que traduza. Depositaram no Banco e assim é que dá certo. Bem fez o senhor ou a senhora J. A. A., o qual ou a qual, para fugir ao barulho da procissão, foi ao Banco entregar dez contos e de lá foi direitinho ou direitinha para sua casa, dele ou dela.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

A medida que vamos caminhando para o verão, começam a mingar os trabalhos comerciais na nossa tipografia, perante o nosso aborrecimento, pois queremos aprender a executar trabalhos de todas as procedências. Vamos a ver se os nossos amigos se lembram de nós que ficamos aguardando as vossas estimadas ordens.

— Temos tido muitas visitas aos domingos e durante a semana: são carros particulares, excursões de turistas e visitas de estudo de rapazes e raparigas das escolas primárias. Tivemos também muitas visitas deromeiros que vinham e iam para o S. Gonçalo, em Amarante.

— A Conferência da nossa aldeia, sob a invocação do Santíssimo Nome de Jesus, acusa um déficit bastante grande, o qual esperamos seja coberto o mais depressa possível. Contamos com a compreensão de todos os nossos amigos.

— Pedimos aqui a todos os senhores directores de jornais para comunicarem aos seus leitores a chama do «Património dos Pobres», mas que o façam com amor, e devoção para acordar as consciências adormecidas e abrirem a generosidade de seus corações.

Peço desculpa àquele casal do Porto que nos tem visitado amiúde e trazer-nos coisas, que não gostaram das referências feitas nesta tribuna. Dão mas não querem fazer propaganda. Dão à sombra do Evangelho. «Que a tua mão esquerda não veja o que dá a direita». Deus os recompensará e eles me perdoem pela involuntária falta.

— Aqui em casa toda a gente goza o Zé da Lenha, por ele ter a mania que é o mais «tirone». Mandou fazer uma presilha nas calças para meter os dedos aos domingos quando vai passear. Ele já deve estar arrependido, pois a malta chama-lhe o «Brasileiro de Rio Tinto»...

— O Sporting Clube da Tipografia que aqui em casa representa o Sporting Clube de Portugal, envia os seus sinceros cumprimentos aos campeões nacionais de futebol, em especial aos jogadores: Carlos Gomes, Juca, Travassos, Vasques e o malabarista Mendonça, não esquecendo também o seu orientador técnico, senhor doutor Tavares da Silva. Obrigado amigos e esperamos que para o ano nos deis a mesma alegria deste. Viva o Sporting!

— Saiu o 3.º fascículo da história do Futebol Clube do Porto, sob a direcção do jornalista Rodrigues Teles e editada pelo senhor Cândido Rocha.

— Lembramos os amigos que já tivessem perdido a esperança de adquirirem o «Ovo de Colombo» que ainda nos restam alguns exemplares.

— Os pequenitos (batatas) trocam e pedem uns aos outros. De vez em quando ouvem-se diálogos como este:

— O coisa dá-me um grilo.

— Não, que também quero para mim.

vãos de escada—cavernas do século XX. Ali impera a miséria, a fome, a doença!

Felizes os meus olhos pecadores que viram e apalparam um sonho materializado — a *nova Miragaia*. O princípio do fim do Barredo. Assim o mundo queira e tome o exemplo. O Património dos Pobres, no Porto, é um factol

Agora vamos dar conta do que recebemos para os nossos pobres. Da esposa do Snr. Rocha do Coliseu, 20\$00. E mais 10\$00, do Porto. O assinante 9978 da Terceira, 100\$00; quando puder, não se esqueça dos nossos pobres De Lisboa, *afim de minorar, em relação à sua importância as agruras dos vossos pobres, envio junto 100\$00*. Ilda. Domingos da Silva Borges, de Belo Horizonte, Brasil 800\$00. Que jeito nos fez esta maquia! Assinante 5827, do Porto, 20\$00. De Leonil Ferreira Antunes, 50\$ que se destinam à Conferência, por alma de minha querida mãe. Assinante 22428, de Matozinhos, 20\$00. Num envelope, 100\$00. A Mariazinha do Rio de Janeiro com 50\$00. E por fim, assinante 23980, do Porto, 50\$00. A todos muito e muito obrigado.

Júlio Mendes

— Dá-me só um, coisinha...

— Não.

— Também não te ensino a lição na escola.

Há muitos mais mas não podemos abusar do espaço, pois é muito precioso. Estes diálogos são bonitos, mas só ditos pelos nossos batatas, que em tudo são originais.

— Temos cá muitos pintainhos que são a alegria da nossa aldeia, com o seu interessante piar. Foram várias as ninhadas, mas todas encorporadas num regimento, comandado por uma forte e encantadora galinha, que faz guerra a quem tentar aproximar-se ou bulir em qualquer dos pintainhos. Este regimento tem dois generais, que são dois gansos, que juntamente com eles nasceram, mas que são maiores, dando-lhe no entanto muito bem. Para eles não há portas. Entram onde querem e bem lhes apetece. Às vezes lá estão à hora do comer no refeitório para apanharem as migalhas que caem das mesas. Ao todo são 75 e esperamos que todos vinguem.

— Recebi jornais de: Albino Borges, de Coimbra. Carlos Gomes, de Sintra. Doutor A. N. Vieira e Sousa, de Angola. Como não podia deixar de ser, da senhora do costume, de Coimbra. Também recebi por intermédio do «Papagaio» de uma senhora do Porto e outra dos Arcos. Também recebi selos de um anónimo, que também me enviou bilhetes de carro-eléctrico.

Daniel Borges da Silva

MIRANDA DO CORVO

Já lá vão alguns dias depois que o Sr. P.º Carlos aqui celebrou a sua segunda missa, mas vou ainda falar um pouco como foi a nossa festa. O Sr. P.º Carlos chegou no dia 3 de Lisboa mais o Sr. P.º Horácio e três gaiatos por volta das sete horas. Desde o fundo da quinta até à nossa Capela estava tudo muito bem enfeitado com flores, verduras e alguns arcos. À entrada da quinta havia um letreiro com esta frase latina «Tu es sacerdos in aeternum». O Sr. P.º Carlos era esperado ao fundo da quinta pelo professor desta casa; o Sr. Prior desta vila, todos os gaiatos e por muitas pessoas desta povoação. Atiraram-se muitas flores e muitos foguetes e deram-se vivas ao Sr. P.º Carlos. O Sr. P.º Carlos dirigiu-se a seguir com os gaiatos para a Capela onde rezamos o terço em acção de graças a Deus por nos dar mais um sacerdote. No dia 4 pelas oito horas e meia celebrou então a sua segunda missa que foi cantada pelos gaiatos. Ao Evangelho falou o Sr. P.º Horácio sobre o que já tinha sido este novo Padre e o que ele era agora. À comunhão aproximaram-se da Sagrada Mesa quase todos os gaiatos e algumas pessoas desta povoação. No fim da missa o Sr. P.º Carlos agradeceu muito comovido seguindo-se logo a cerimónia do beija-mão. Todos nós vivemos horas de verdadeira alegria. Nesse dia realizou-se um desafio de futebol entre a casa de Miranda e o Lar de Coimbra em que saiu vencedora a casa de Miranda por 4-1. Por volta das duas horas despedimo-nos do Sr. P.º Carlos que ia até junto dos nossos irmãos de Paço Sousa.

— O Sr. P.º Horácio resolveu que os rapazes do Lar de Coimbra aqui viessem de quinze em quinze dias passar o domingo. Resolvemos fazer um campeonato de futebol e outro de oquei em campo durante seis domingos. No primeiro domingo triunfamos em oquei por 15-7. Em futebol venceram os do Lar por 3-1. O nosso grupo que jogou muito abaixo das suas possibilidades teve em Carequita e Júlio os seus melhores elementos. Nos rapazes do Lar distinguo: Pinguinho, Machado e Afonso.

— Entraram agora para a nossa casa mais três rapazes dois dos quais ainda mal podem com o garfo, pois têm dois anos

— O que mais se fala agora na nossa casa e por esse Portugal além é no campeonato do mundo de oquei em patins que se está a disputar em Barcelona. Eu em nome de todos os gaiatos desejo muitas felicidades aos jogadores portugueses que tão bem louvam a nossa Pátria.

Crisanto

LAR DO PORTO Mais uma vez venho por meio do nosso jornal contar as notícias mais fresquinhas deste Lar, aos nossos amigos leitores.

— No dia 15 de Maio fomos convidados a ir ao Colégio João de Deus tomar parte numa tarde desportiva que ali realizaram. Fomos muito bem recebidos desde que entramos até ao sair. Realizamos ali dois desafios de futebol. Com os pequenos perdemos, e com os grandes ganhamos; mas com os pequenos jogamos com bola de borracha. Depois fomos merendados com estes, despedimo-nos e viemos para casa, todos satisfeitos. Obrigado amigos.

Por não ter espaço no último número, venho contar aos nossos amigos que foi daqui um representante à inauguração da Capela do Tojal, e teve a grande honra de cumprimentar a esposa do Senhor General Graveiro Lopes. Que alegria não devia ser a do Manuel Pinto; cumprimentar a esposa do Chefe do Estado não é para qualquer um.

— Há cá em casa um relojoeiro que ainda não sabe bem a arte, e pediu-me a ver se eu podia pôr no jornal, a pedir relógios velhos, para ele se ir adaptando à arte, pois agora só lhe falta ganhar prática. Portanto os Senhores procurem bem pelas suas casas a ver se arranjam alguns; mas só velhos porque se vierem novos tenho que arranjar sociedade com ele.

— Temos recebido de vez em quando algum pão de Metralhadoras 3 que nos tem feito um bom jeito, tanto é que se escusa de gastar dinheiro a comprar, e também nos sabe bem às refeições. Um muito obrigado a estes benfeitores, e esperamos sempre mais.

— Recebemos entrada neste último domingo no Estádio das Antas para 12 dos nossos rapazes pois tudo queria ir ao futebol. Era Porto-Académica. Tudo foi fazer claque pela Académica, a ver se animávamos o team de Coimbra, mas acabou por perder por 4-1 imerecidamente.

Desejamos boa sorte à Académica e, na final do jogo de passagem, se vencessem isso é que era uma alegria para mim, visto simpatizar com este clube de tantas tradições. Um muito obrigado a A. F. do Porto por terem sido muito atenciosos. E esperamos que nos dêem sempre entrada.

— Fomos há dias buscar 10 garrafas de vinho ao Pomar de Santa Catarina que um senhor ali deixou para nós. Ele esteve para as vender antes, mas como só lhe davam 2\$00 por cada garrafa resolveu antes enviá-las para nós.

Um muito obrigado a este amigo e que mande sempre.

João de Buarcos

A VENDA DO JORNAL...

Em Arcos de Valdevez

Desta vez saímos um bocadinho mais tarde, mas não foi esse o motivo que não vendi tudo, não senhor. Vendi os mesmos, conseguindo também três assinaturas novas.

Chegamos aos Arcos pelas 8,30 e, como já era um bocadinho tarde, dirigimo-nos para o hotel... (é escusado dizer). No domingo, dia 30, comecei de manhã cedo a vender nas igrejas, nas ruas e nos cafés, etc.

Aproxima-se a hora do meio dia e... da parte de tarde fui à festa, chamada Nossa Senhora do Castelo. Como era longe, um senhor pagou-me a camioneta e lá fui. Vendi lá perto de 50 jornais. Tenho a agradecer agora ao senhor João Martinho que me deu uma grande merenda. Um sincero obrigado do

Papagaio

EM AVEIRO

Como todos os quinze dias, mais uma vez me correu tudo bem só tenho pena foi de levar poucos jornais. Vendi 200 jornais que foram os únicos que levei mas ainda várias vezes tive a impressão de que não os ia vender todos; mas ao fim acabei cedo e ainda vendia muito mais.

— Uma nota curiosa que eu vos vou contar. Numa das muitas vezes que corri os cafés num deles não vendi nenhum, mas alguém que me observava chamou-me e mandou-me pôr 9 jornais em cima das mesas. Mas eu como vi que ainda os podia vender, disse que não valia a pena o Senhor estar-se a incomodar comigo e ele então disse, para eu ficar com o dinheiro. Um muito obrigado a este Senhor. Para não haver confusões com o livro, digo já aqui que ele é só remetido pelo correio, e como tal devem escrever um postal para Paço de Sousa. Pois não os trago à venda. Tenho recebido alguns selos para a minha colecção que me têm feito muito jeito. Obrigado e espero receber mais. Para a próxima vou levar 250. Vamos lá ver se Aveiro dá conta do recado. Tenho notado que o Senhor Comandante Costa Moreira se tem interessado em que eu venda mais jornais nesta cidade, pois tira-me sempre os jornais da mão e distribui por os amigos que estão em volta dele.

João de Buarcos

NA MURTOSA

Como os Senhores já devem saber vão-se construir casas para pobres do «Património» na Murtosa.

Eu quando fui na passada quinzena à Murtosa logo a desembarcar em Estarreja a primeira notícia foi, que na Murtosa a conferência de S. Vicente de Paulo já reuniu para começar a pedir para erguer a primeira casa do «Património». Espero que todas as pessoas dêem alguma coisa, eu estou muito contente, mas não sou só eu e como também o nosso Pai Américo e os pobres.

Cada casinha é uma alegria sim, para os pobres como também para aqueles que têm a sua casa. O povo da Murtosa quer que o nosso Pai Américo vá lá mas só quando a casa estiver a meio.

Agradeço à Empresa das Camionetas da Murtosa porque já me levam de graça de Estarreja à Murtosa e também agradeço ao Ex.º Sr. José Guerra que me manda o jornal do Sporting todas as semanas, também tenho a agradecer ao Sr. António Récio e sua Esposa, e à Srna. Felicidade Barina que me têm levado, às suas casas para comer.

A todos muito obrigado.

Amadeu Récio